
**A IDENTIDADE NO ROMANCE *A MEMÓRIA DE NOSSAS MEMÓRIAS*, DE
NICOLE KRAUSS**

Sara Caroliny Pires¹
Adolfo José de Souza Frota²

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir o tema da identidade no romance *A memória de nossas memórias*, da escritora estadunidense Nicole Krauss. Com base nas diversas personagens que habitam nos interstícios da narrativa é possível desenvolver uma pesquisa alicerçada em temáticas concernentes à Regimes Totalitários implantados durante o século XX, bem como, elementos culturais e identitários que foram silenciados durante um espaço de tempo. Krauss reitera fatos e períodos históricos que reportam ao momento da Segunda Guerra Mundial e ao ciclo pós-Guerra. Partindo do conceito de identidade fomentado por Hall (2014), Woodward (2014) e memória cultural por Assmann (2011), as discussões que circundam a partir da cultura e identidades estão em voga no âmbito da narrativa ficcional, permitindo ao leitor uma profunda reflexão sobre a condição histórica, cultural e identitária das personagens, por meio do exercício mnemônico, buscando ressignificar alguns eventos e compreender situações conflituosas do passado.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Memória. Romance.

THE IDENTITY IN THE NOVEL *GREAT HOUSE*, BY NICOLE KRAUSS

Abstract: The purpose of this article is to discuss the theme of identity in the novel *Great House*, by the American writer Nicole Krauss. Based on the different characters who live in the interstices of the narrative, it is possible to develop a research based on themes related to the Totalitarian Regimes implanted during the Twentieth Century, as well as cultural and identity elements that have been silenced over a period of time. Krauss reiterates facts and historical periods that refer to the time of the World War II and the postwar cycle. Starting from the concept of identity fostered by Hall (2014), Woodward (2014) and cultural memory by Assmann (2011), the discussions that surround from the culture and identities, are in vogue within the fictional narrative,

¹ É graduada em LETRAS - PORTUGUÊS/ INGLÊS pela Universidade Estadual de Goiás (2011). Atua como professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino do Estado de Goiás. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, abrangendo interpretação, produção de texto e Literatura Brasileira. Atualmente é aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (UEG - Cora Coralina). Aluna bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). E-mail: sarasslmb@hotmail.com

² Possui graduação em Letras Portugues/Inglês pela Universidade Federal de Goiás (2003), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2007) e doutorado em Letras e Linguística pela UFG (2013) e pós-doutorado em Estudos Literários (UFF). Atualmente é professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás Câmpus Cora Coralina. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas. Membro do Grupo de Pesquisa: Habitando Modernidades: (crise da) memória, hierarquias opressivas e utopias possíveis, da UFF. Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade - POSLLI, sediado na cidade de Goiás - Câmpus Cora Coralina. E-mail: adolfothedrifter@yahoo.com.br

allowing the reader a deep reflection on the historical, cultural and identity of the characters through the mnemonic exercise, seeking to resignify some events and to understand conflictual situations of the past.

Keywords: Culture. Identity. Memory. Novel.

Considerações iniciais

“Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história.”

Hannah Arendt, *Origens do Totalitarismo*

As relações entre narrativa, história e identidade, no que concerne principalmente ao cenário contemporâneo literário, não cessam de se intensificar. Podemos assinalar que, na medida em que os estudos literários avançam, a proximidade entre a literatura e os estudos culturais trouxe benefícios inestimáveis ao âmbito das ciências humanas, das artes, das letras e das hermenêuticas, possibilitando conexões entre os tópicos. As discussões sobre as identidades no panorama literário tem proporcionado grandes reflexões a partir do século XX, – a profunda ansiedade, as crises existenciais, a guerra, os horrores vivenciados pelos judeus, o silêncio encovado no cenário pós-Guerra, são efeitos profundos que não desvencilharam do caráter constitutivo da modernidade.

Kathryn Woodward (2014), no ensaio “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, ao discutir a estreita relação entre esses dois conceitos e viabilizar as relações entre subjetividade e identidade, observa que “a luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais: isso é visível no conflito entre grupos em guerra, na turbulência e na desgraça social e econômica que a guerra traz” (WOODWARD, 2014, p. 10). Talvez esteja aqui uma das demandas para iniciarmos uma reflexão sobre a composição das diferentes identidades marcadas por fatores históricos e conflituosos do passado, seja no espaço político-social ou ficcional.

Publicado nos idos de 2010, *A memória de nossas memórias*³, é um dos romances da escritora Nicole Krauss, que de acordo com Joost Krijnen em *Impiedade*

3 *Great House*, versão original.

*do holocausto na literatura americana judaica*⁴ (2006), se tornou uma escritora responsável por suplementar um vazio específico dos séculos XX e XXI na literatura americana sobre trauma, solidão, memória e o Holocausto. O romance ganha destaque por estabelecer uma relação dialógica entre passado e presente, por meio da memória das personagens, confluindo em uma percepção sobre identidade na sociedade pós-moderna. A narrativa ficcional permite a escritora estabelecer algumas ideias ou propor novas formas de compreender a identidade. Isso posto, a autora opta pela literatura, pois é através da ficção que encontra a melhor maneira de reconstruir possibilidades silenciadas a partir da barbárie na Segunda Guerra Mundial.

1. Construindo identidades em narrativas fragmentadas

Conceitos sobre identidade aparecem com diferentes definições que confluem em uma perspectiva de entendimento entre passado e presente, ambos demarcadores temporais que efetivam um diálogo para reflexão e compreensão da identidade pessoal e cultural. De acordo com Woodward:

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob forma particulares no mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento. (WOODWARD, 2014, p. 25).

Percebe-se, nesse excerto, que os argumentos discutidos sobre identidade a partir das transformações globais apontam para reflexões sobre a performance de um sujeito que apresenta dificuldades em lidar com as mudanças advindas de um mundo desprovido de fronteiras. Ao celebrar as sensações de liberdade que o mundo contemporâneo oferece as diferentes identidades ainda assim reforçam o caráter

4 Joost Krijnen, escritor norte-americano, responsável pelo livro: *Impiedade do holocausto na literatura americana judaica*, publicado em 2016.

conflituoso, fruto de uma interdependência entre sujeito e história. Nesse sentido, Woodward (2014, p. 26) reitera a necessidade de refletir sobre os conflitos identitários nacionais e étnicos por meio da recuperação e reescrita da história, indagando que: “Pode-se perguntar, primeiramente: existe uma verdadeira história única que possa ser recuperada?” Partindo dessa indagação, a identidade de um sujeito perpassa por diferentes níveis temporais, deixando evidente o entrelaçamento de marcas relativas de dadas épocas experienciadas pelo ser humano ou personagens ficcionais por meio das narrativas.

Ao descortinar o primeiro capítulo “Todos em pé” do romance *A memória de nossas memórias*, alguns aspectos identitários podem ser potencializados em uma reflexão ampla sobre a diáspora de um jovem poeta chileno, cujo nome é Daniel Varsky, residente temporariamente em Nova York, por motivos políticos ditatoriais de Augusto Pinochet⁵, é impedido de manter uma identidade fixa no seu país de origem. A narrativa do primeiro capítulo “Todos em pé” é feita a partir das percepções de uma escritora nova-iorquina cujo nome é Nadia, responsável por parte da mobília de Daniel, e em especial uma escrivaniinha, que guarda um passado cheio de referências memorialísticas de outros proprietários, além de resguardar uma carga histórica, pertencente a uma era tenebrosa e massacrante, referente a Segunda Guerra Mundial. Na esteira do primeiro capítulo, a narradora-personagem descreve o momento em que ela entra no apartamento de Daniel, pouco antes de seu regresso ao Chile:

O apartamento era pequeno, mas havia uma janela grande que dava para o sul e pela qual entrava toda luz. [...] A única superfície mais ou menos vazia eram as paredes, nuas, a não ser por alguns mapas que ele havia pendurado, das cidades onde vivera: Jerusalém, Berlim, Londres, Barcelona, e sobre certas avenidas, esquinas e praças ele havia feito anotações que não entendi de imediato porque estavam em espanhol. (KRAUSS, 2012, p. 18-19).

O espaço do apartamento sugere uma relação com a própria identidade de Daniel, fragmentada e marcada pela necessidade de frequentes deslocamentos. Ao deslocar-se por diferentes cidades, Daniel carrega na memória um pouco de cada experiência obtida nos diferentes lugares em que viveu. Com base nessa assertiva, o

5 Augusto José Ramón Pinochet Ugarte foi um general do exército chileno, além de ditador do seu país, entre os anos de 1973 a 1990, prestou serviços posteriormente como senador vitalício, cargo que foi dedicado exclusivamente para ele, por ter sido um ex-governante.

teórico jamaicano Stuart Hall, em seu livro *Da diáspora Identidades e Mediações Culturais*, afirma que “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2003, p. 26-27). Desse modo, a problemática da diáspora, enfrentada pela personagem, ilustra o caráter conflituoso que sua identidade sofre ao longo de suas mudanças, ocasionando uma desestabilização. Desse modo, após a partida de Daniel Varsky para o Chile, Nadia continua recebendo notícias do poeta através de correspondências ao longo de dois anos, porém os crivos do Regime Militar Pinochetiano não pouparam a identidade dele, de modo que aos poucos não chegaram mais notícias do jovem poeta, deixando Nadia extremamente angustiada e perturbada com a possível situação de Daniel:

Passaram-se dois anos. No começo, eu costumava receber cartões-postais. Primeiro eram calorosos, até joviais: está tudo bem. Penso me filiar à Sociedade Espeleológica Chilena, mas não se preocupe, não vai interferir em minha poesia, no máximo as duas coisas vão se completar. Talvez eu tenha chance de assistir a uma palestra de matemática de Parra. A situação política está indo para o inferno, se não me filiar à Sociedade Espeleológica, vou me filiar à MIR. Cuide bem da escrivinha de Lorca, um dia volto para buscá-la. *Besos*, D. V. Depois do golpe, ficaram sombrios, e depois crípticos, e depois, uns seis meses antes de saber que ele havia desaparecido, pararam de vir completamente. (KRAUSS, 2012, p. 22-23).

A imagem do jovem poeta ficou arquivada na memória de Nadia, de modo que toda a mobília fazia parte do caráter identitário de Daniel Varsk, em especial a escrivinha de Lorca, símbolo de grande mistério que o acompanhava durante todos os lugares em que esteve. Nesse sentido, a contemplação de tais objetos pela narradora provoca em seu íntimo um estado de rememoração, suplementando eventos de um passado desconhecido, mas que exercem um certo fascínio a ser decifrado, a ser recomposto e ressignificado:

Às vezes, eu olhava a mobília, o sofá, a escrivinha, a mesa de centro, as estantes e cadeiras, e era tomada por um desespero esmagador, às vezes apenas uma tristeza oblíqua, e às vezes olhava aquilo tudo e me convencia de que se tratava de um enigma, um enigma que ele havia deixado para eu resolver. (KRAUSS, 2012, p.23).

Pode-se relacionar a necessidade de Nadia em ressignificar e recompor o passado de Daniel Varsky ao panorama da literatura contemporânea associada aos Regimes Totalitários, uma vez que Nicole Krauss, ao criar personagens, ao simular

situações, é capaz de propiciar reflexões sobre aquilo que foi de modo real sofrido por milhares de homens e mulheres durante a conjuntura de um regime militar, em especial nos liames do governo de Pinochet.

A partir do segundo capítulo do romance “Bondade verdadeira”, a identidade e a memória tornam-se elementos fundamentais para ressignificação de ações experienciadas no passado por diferentes personagens e narradores, que de certa forma, são aglutinadas no presente. Em *Lembrar escrever esquecer*, Jeanne Marie Gagnebin (2009, p. 44) escreve: “a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória e do rastro”. Essa relação do presente com o passado no romance *A memória de nossas memórias* ocorre através da memória dos narradores-personagens, que lutam contra o esquecimento das experiências ao longo do tempo, especialmente no tocante da Segunda Guerra Mundial e da Ditadura Militar Chilena.

Em outro momento, Jeanne Marie Gagnebin chama a atenção para o fato de os nazistas não só quererem aniquilar os judeus, mas também qualquer possibilidade de perpetuação da história dos campos de concentração. Como assinala o excerto a seguir:

Querendo aniquilar um povo inteiro, a “solução final” pretendia também destruir toda uma face da história e da memória. Essa capacidade de destruição da memória cobre uma dimensão política e ética a respeito da qual Hitler estava perfeitamente consciente. [...] Enquanto Homero escrevia para cantar a glória e o nome dos heróis e Heródoto, para não esquecer os grandes feitos deles, o historiador atual se vê confrontado com uma tarefa também essencial, mas sem glória: ele precisa transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados. (GAGNEBIN, 2009, p. 47).

A presença significativa da memória no romance proporciona ao leitor uma possibilidade de reflexão e compreensão de algumas situações concernentes a maior barbárie que a humanidade já presenciou até hoje, o extermínio de 6 milhões de judeus, dentro e fora de campos de concentração. Ao elucidar fatos marcantes como o Holocausto, o historiador procura manter viva a memória, para não deixar cair no esquecimento, e para que o horror não seja repetido.

Por meio do narrador-personagem, tomamos conhecimento do comportamento retraído e solitário de um de seus filhos, cujo nome é Dov, um jovem que está prestes a se alistar no Exército Israelense. Para tanto, na esfera do discurso introspectivo do

narrador, é notável a representação da condição identitária do judeu, que a partir do olhar de um sujeito no período pós-Guerra, tenta associar a imagem do massacre sofrido pelo povo judeu, ao conflito existencial de seu filho:

A pessoa não escolhe entre a vida externa e a vida interna; elas coexistem, por mais pobremente que seja. A questão é: onde colocar ênfase? E aqui, mesmo que grosseiramente, tente orientar você. Sentado no jardim enrolando um xale, se recuperando de suas incursões ao mundo, você lia livros sobre alienação do homem moderno. O que o homem moderno tem contra os judeus?, perguntei ao passar na sua frente com a mangueira de jardim. Os judeus vêm vivendo em alienação há milhares de anos. Para o homem moderno é hobby. O que você pode aprender com esses livros que não tenha nascido sabendo? (KRAUSS, 2012, p. 84).

Dessa forma, o narrador ao travar um duelo entre a concepção de homem moderno com a imagem da identidade milenar do judeu, permite ao leitor uma reflexão sobre a própria identidade de Dov, que sempre foi um filho alheio aos caprichos do pai. Esse jogo de diferentes identidades aponta para a reflexão de um sujeito, que pela lógica temporal, reflete uma identidade conflituosa. Apoiado em uma discussão referente a pós-modernidade, Stuart Hall, afirma que:

[...] as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. (HALL, 2006, p. 12).

Conforme Hall aponta, os estudos culturais apresentam uma perspectiva, que, em uma sociedade pós-moderna⁶, a identidade é considerada “móvel”, partindo da premissa de que cada indivíduo em determinada situação se posicionará em conformidade com a identidade que mais favorável possa lhe identificar. Desse modo, para compreender melhor as discussões sobre a identidade judaica, faz-se necessário compreender a diferença entre ditadura e tirania, apontada pela filósofa alemã, Hannah

6 O termo “pós-modernidade” é empregado, aqui, como alusão aos estudos de Stuart Hall (2006) sobre o tratamento dado a identidade cultural do indivíduo na contemporaneidade. É fato, que existem vários estudos críticos e teóricos que debatem os conceitos acerca da modernidade, pós-modernismo ou pós-modernidade. No entanto, não se cumpre como nosso objetivo argumentar e examinar esses conceitos neste artigo.

Arendt, em seu estudo no livro: *Origens do Totalitarismo* (2012) que, em dado momento, discute sobre a implantação do terror pelos nazistas contra os judeus de modo geral, gerando não só um clima violento, mas interferindo diretamente no caráter identitário desse povo:

A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes. O terror, como o conhecemos hoje, ataca sem provocação preliminar, e suas vítimas são inocentes até mesmo do ponto de vista do perseguidor. Esse foi o caso da Alemanha nazista, quando a campanha de terror foi dirigida contra os judeus, isto é, contra pessoas cujas características comuns eram aleatórias e independentes da conduta individual específica. (ARENDR, 2012, p. 29).

Nesse sentido, a presença do terror assinala a gravidade do trauma enfrentado pelos judeus em meados do século XX, a luta pela sobrevivência e o ato de resistir as intempéries do nefasto antissemitismo influenciaram no processo de “enfraquecimento” da identidade em todo território alemão. É relevante ressaltar que na esfera do romance *A memória de nossas memórias*, no capítulo intitulado “*Mentiras contadas por crianças*”, a narradora-personagem, Isabel, é uma jovem universitária que mantém um namoro com Yoav Weisz, filho de Weisz, um famoso dono de um antiquário. Cumprindo um pedido de seu pai, Yoav necessita fazer uma visita a um antigo cliente de Weisz, em Bruxelas. Na ocasião, Yoav aproveita a oportunidade da viagem e convida Isabel para fazer-lhe companhia. Ao serem recebidos e convidados para entrar na casa, Isabel descreve minuciosamente alguns detalhes da sala, que escondia alguns artefatos sombrios, fazendo com que a narradora associasse o espaço com *flashes* do passado por meio da memória:

Passados alguns segundos, comecei a sentir que a sala era muito maior do que aquela em que tínhamos estado antes, mais parecia uma grande salão do que uma sala, e me dei conta de alguma presença muda nas sombras, sombras que, logo consegui divisar, estavam povoadas por formas de vários tamanhos reunidas em longas fileiras, uma grande e melancólica massa que parecia se estender em toda as direções antes de dissolver no canto remoto do salão abobadado. Embora eu pudesse ver muito pouco, sentia o que eram os vultos. Me lembrei de repente de uma fotografia que havia encontrado anos antes enquanto pesquisava a obra de Emanuel Ringelblum para um de meus cursos de história na faculdade, a imagem de um grande grupo de judeus em Umschlagplatz, ao lado do gueto de Varsóvia, todos acorados ou sentados em sacos sem forma ou no chão, esperando a deportação para Treblinka. A foto havia me marcado na época não só por causa do amar de olhares todos

voltados para a câmera, que sugeria que a cena era calada a ponto de o fotógrafo ter conseguido se fazer ouvir, como por causa da elaborada composição que o fotógrafo havia claramente trabalhando, observando a maneira como os rostos pálidos, encimados por chapéus escuros e lenços, eram espelhados pelo padrão aparentemente infinito de tijolos claros e escuros da parede contra a qual estavam retidos. Atrás dessa parede havia um edifício retangular com fileiras de janelas quadradas. O conjunto dava uma sensação de ordem geométrica tão poderosa que se tornava inevitável, onde cada material comum — judeus, tijolos, janelas — tinha seu lugar próprio e irrevogável. (KRAUSS, 2012, p. 182-183).

Por intermédio da memória e dos sentidos perspicazes, projetados através da sensibilidade de Isabel, compreende-se que o espaço estranho conota aspectos sombrios, além de uma profunda melancolia existencial. E ao relacionar a aura negativa desse espaço da casa com a imagem da fotografia tirada de um gueto (*Umschlagplatz*⁷) em Varsóvia, durante o momento de aglomeração e transporte dos judeus para o campo de extermínio Treblinka, fica evidente que mesmo depois de tantos anos após a barbárie, os sujeitos carregam o peso de um passado assustador. Partindo dessa premissa, a noção de aura dos locais de memória e terror vem sendo lembrada por Aleida Assmann (2011), em seu livro *Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural*. A autora aponta reflexões sobre a memória dos locais que foram palco do maior extermínio que a humanidade já presenciou, os rastros deixados na memória das pessoas ainda provocam uma sensação de desconforto e terror:

A memória não conhece a norma corpulenta e incorruptível da medida temporal cronológica. Pode mover o que há de mais próximo até uma distância indeterminada e trazer o que está distante até muito próximo, às vezes próximo demais. Ao passo que os livros de história ordenados cronologicamente são úteis quando se trata de elucidar a consciência histórica de uma nação, a memória de uma nação se materializa na paisagem memorativa de seus locais de recordação. O vínculo peculiar entre proximidade e distância confere aura a esses locais e neles se procura um contato direto com o passado. (ASSMANN, 2011, p. 359).

Desse modo, a memória funciona como imagens de identidades e histórias que se definem ao longo da narrativa de Nicole Krauss, quando a personagem Isabel faz a relação de um espaço físico (casa) com a lembrança de uma imagem fotográfica do gueto de Varsóvia. Fica evidente que a recordação é uma ação necessária para que o

7 Umschlagplatz, espaço caracterizado como “gueto”, reservado para detenção dos judeus pelos soldados alemães nazistas. Os judeus guetizados eram reunidos para deportação aos diversos campos de concentração.

passado não caia no esquecimento, mesmo sabendo que o sujeito, ao recordar os fatos traumáticos do passado, possivelmente sentirá a “dor” de uma profunda “ferida” que não cicatriza.

Em meio às memórias traumáticas, identidades fraturadas e silenciamento de um passado cruel, no capítulo “*Buracos para nadar*⁸” um casal lida com um silêncio descomunal. Bete Lotte, esposa de Arthur Bender, sofre com o efeito devastador do Mal de Alzheimer. Arthur, a voz que narra toda trama vivida ao longo do matrimônio, e até os últimos dias de vida de Bete, lembra o quanto sua esposa sempre representou verdadeiro mistério:

Sim, Lotte era um mistério para mim, mas eu me consolava naquelas pequenas ilhas que descobria nela, ilhas que podia encontrar sempre, e independente das condições, usar para me orientar. Ela havia sido forçada a deixar sua casa em Nuremberg aos dezessete anos. Durante um ano, vivera com os pais num campo de transição em Zbaszyn, na Polônia, em condições que só posso imaginar como atroz; ela nunca falava dessa época, assim, como raramente falava de sua infância ou dos pais. No verão de 1939, com a ajuda de um jovem médico judeu que também estava no campo, ela recebeu um visto para acompanhar oitenta e seis crianças num *Kindertransport* para a Inglaterra. (KRAUSS, 2012, p. 95).

Arthur tenta remontar a identidade de sua esposa por meio de informações fragmentadas de um passado sombrio e traumático. É evidente o declínio da memória de Bete, pois o desconforto advindo do Mal de Alzheimer intensifica o silêncio, fazendo com que Bete se distancie da realidade. Arthur sofre com a condição silenciosa de Bete, pois muitos conflitos não são esclarecidos, mas sim esquecidos nos buracos da memória da personagem.

Nessa circunstância esboçada acima, a perspectiva da identidade se adéqua através de uma associação com o outro, de modo que ela seja relacional, de acordo com Kathryn Woodward (2000, p 12), “e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”. Corrobora que tal conceito amadurece e se fortalece a partir do panorama da diferença, em outras palavras, da equiparação que o sujeito exerce com o outro em um determinado contexto social.

8 *Swimming Holes*, versão original.

Desse modo, ao investigar a problemática entre croatas e sérvios, Woodward (2000) reitera que a identidade dessas etnias é sinalizada pela equiparação e pela ênfase das diferenças detectadas no que tange os dois grupos:

Essa história mostra que a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um “não croata”. A identidade é, assim, marcada pela diferença. (WOODWARD, 2000, p. 8)

A narração de Arthur é motivada pelo surgimento do Mal de Alzheimer, com o passar dos dias, ele é a única testemunha da prolongada, progressiva e lamentável degeneração da identidade de sua mulher, que perde a memória com o passar dos anos. Saindo da ficção e considerando o nosso contexto, existe uma relação íntima entre a nossa história armazenada na memória, que contribui para a referida imagem que temos sobre nós mesmo e que deixamos transparecer em nossas interações sociais.

Considerações finais

Nas últimas décadas, provavelmente devido ao contexto histórico-social das experiências traumáticas da Segunda Guerra Mundial, das inúmeras ditaduras enfrentadas em diferentes lugares e das vertiginosas crises identitárias ocorridas aos sujeitos, a literatura tem assumido uma postura crítica de problematização do homem com a identidade de diferentes maneiras: ora há a incorporação do trauma, silêncio e depressão; fatores de deslocamento, diáspora, seja migração ou imigração; ou conflitos associados à memória e ao espaço.

A partir da necessidade de se buscar uma resposta às possíveis problemáticas do sujeito pós-moderno, seja sob o viés identitário e mnemônico, o romance *A memória de nossas memórias* remonta a trajetória daqueles que precisam lidar com suas memórias, traumas e os mistérios escondidos na identidade de cada personagem.

Portanto, o que procuramos demonstrar, amiúde no romance em análise, são os dilemas em torno da identidade e da memória no âmbito da narrativa ficcional contemporânea, permitindo ao leitor uma profunda reflexão sobre a condição histórica e identitária das personagens por meio do exercício mnemônico, compreendendo que a

tentativa de desvencilhar passado do presente seria infrutífera na construção ficcional da narrativa de Nicole Krauss.

Referências

- ASSMANN, A. *Espaços da recordação. Formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Sohet. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2011.
- ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, L. (Org.). *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- KRAUSS, N. *A memória de nossas memórias*. Tradução de José Rubens Siqueira: São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- KRIJNEN, J. *Holocaust Impiety in Jewish American Literature. Memory, Identity, (Post)Postmodernism*. Lieden, Brill, 2016.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 6-130.